

ENTREVISTA DE MARIA
TERESA HORTA
*INTERVIEW WITH MARIA
TERESA HORTA*

A “escrita feminina”
The “script feminine”

Concedida a Fabio Mario da Silva¹
(FCT-CLEPUL)

Com o movimento emancipatório da mulher e o fortalecimento dos movimentos feministas, começou a pensar-se acerca do modo como as mulheres escrevem e como os homens as descrevem, que levou aos seguintes questionamentos: será que existe mesmo uma maneira feminina de ser, pensar e retratar o mundo? Seria possível também falar de uma modalidade feminina de escrita?

Maria Teresa Horta, escritora e poetisa por excelência, jornalista e ativista feminista, revela algumas problemáticas que se inserem no campo dos *Gender studies*, ao expor sua opinião sobre se seria possível a existência de uma “escrita feminina” e quais seriam

¹ Doutorando em Literatura – Universidade de Évora/Bolsheiro FCT-CLEPUL

as suas nuances, referindo ainda questões referentes à diminuição de poetisas portuguesas e ao forte crescimento de prosadoras. Tal entrevista é reveladora, primeiramente, de um olhar astuto e crítico de uma autora que se define como poetisa e feminista e não como poetisa feminista; secundariamente, constatamos que o entendimento de Maria Teresa Horta vai ao encontro do pensamento de Béatrice Didier, contido na obra **L'écriture-femme** (1981, p.37-38), que compreende a escrita feminina como «une écriture du Dedans: l'intérieur du corps, l'intérieur de la maison. Écriture du retour à ce Dedans, nostalgie de la Mère et de la mer. [...] Très vite la frontière entre le non-dit, l'interdit et l'indicible» Outra crítica francesa, Irma Garcia, também sintetiza, na obra **Promenade Femmilière: recherches sur l'écriture féminine**, as características de uma possível escrita feminina, pois acredita que existe uma dinâmica de escrita que se constitui em sistemas de correlação imanentes aos textos e que, conseqüentemente, há uma certa polissemia, ou certas conotações, que proliferam particularmente nos textos das mulheres: “Dans cette matière à connotations, nous développerons uniquement les images qui nous paraissent les plus significatives de cette chair linguistique, les plus proches du corps, les plus illustratives du rythme biologique qu'adoptent les femmes” (1981:15). Desta forma, a crítica entende que há uma articulação entre o corpo e a escrita feita por mulheres, porque na metáfora da escrita a mulher participaria demonstrando sua própria forma: “L'écriture flue de la femme, de son corps, fluctuante, allant d'un point à l'autre, revenant, noyant la page de mots fluides”.

O corpo se configuraria como inscrição e marca cultural expressa no texto literário, não apenas para as críticas francesas como para a entrevistada. Justamente por notar esta lacuna no meio acadêmico português, realizei uma entrevista com a escritora Maria Teresa Horta, concedida em Lisboa a 18 de agosto de 2011.

Maria Teresa Horta nasceu em Lisboa, onde frequentou a Faculdade de Letras. Jornalista e crítica literária, estreou-se na poesia em 1960 com **Espelho inicial**, tendo participado no ano seguinte

no volume **Poesia 61**, com **Tatuagem**. Ao longo dessa década publica, sucessivamente, **Cidadelas submersas**, **Verão coincidente**, **Amor habitado**, **Candelabro**, **Jardim de inverno** e **Cronista não é recado**. Em 1971 publicada **Minha senhora de mim**, apreendido pela polícia política da ditadura, em 1975 **Educação sentimenta** e em 1977 **Mulheres de abril**. Nos Anos 80 são editados **Rosa sangrenta**, **Os anjos** e **Minha mãe meu amor** (*Prémio Poesia Revista Mulheres*). **Destino e Só de amor** saem em 90. No final de 2006 publica **Inquietude** e, em França, **Les sorcières – Feiticeiras**, edição bilingue da Actes Sud, e em 2009 **Poesia reunida**. No Brasil saem em 2007 a **Antologia pessoal + 22 Poemas inéditos**, **Palavras** se o livro inédito de poesia, **Poemas do Brasil** em 2009, e ainda em Portugal a antologia de toda a sua poesia até então, **Poesia reunida**, e já em finais de 2012 o livro **Poemas para Leonor**

No romance surge com **Ambas as mãos sobre o corpo** em 1970, e no ano seguinte, conjuntamente com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, publica *Novas cartas portuguesas*, obra que valeu às autoras um processo judicial “por ofensa à moral pública”, movido pelo governo fascista. Esta obra encontra-se editada em numerosos países. No romance destacam-se ainda **Emma** (*Prémio Ficção Revista Mulheres*) e **Paixão segundo Constança H.**, reeditado em finais de 2010. Já em 2011 foi editado o romance sobre a Marquesa de Alorna, **As luzes de Leonor**, obra que levou mais de treze anos a escrever.

Em 2004 Maria Teresa Horta foi condecorada, pelo Presidente da República Jorge Sampaio, Grande Oficial da *Ordem do Infante D. Henrique*. Em 2007, foi convidada a abrir o XXI Encontro de Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa. Em 2008 foi-lhe atribuído o Prémio Paridade-Mulheres e Homens na Comunicação Social, pelo seu ensaio “A palavra das mulheres: Uma escrita do corpo”. Já em 2009 foi homenageada no IV Seminário Internacional “Mulher e Literatura”, que decorreu em Natal, Brasil. Em 2010 foi distinguida com o *Prémio Máxima Vida Literária* pela antologia *Poesia Reunida*. E em 2012 recebeu o *Prémio D. Dinis* pelo romance **As luzes de Leonor** e o *Prémio Máxima Literatura*, pela mesma obra.

Na sua opinião, existe uma escrita feminina? Se sim, quais seriam as características dessa escrita?

Há anos venho lutando neste país por se reconhecer que existe uma escrita feminina. Aliás, não é nada de original, já a Virginia Woolf dizia isso, no princípio do século XX. Eu me assumo como uma escritora feminina. Existe sim uma escrita feminina e uma masculina. Não estou a dizer que a escrita feminina é melhor ou pior que a escrita masculina. Há autores bons e maus, como autoras boas e más. Aquilo que eu digo é que, desde a escolha do tema até à forma de observação, a escolha do próprio ritmo, quer do poema, quer da ficção, é completamente diferente do homem. É preciso lembrar que a escrita feminina muitas vezes é minimizante, porque durante séculos as mulheres tiveram a escrita masculina como modelo a seguir e sempre foram muito limitadas para o ato da escrita, por isso séculos atrás é comum encontrarmos mulheres que escreviam sob o pseudônimo de autores masculinos, porque elas não tinham acesso à entrada nos editores, por isso os textos dessas mulheres passavam de “boca em boca”, passavam também de “mão em mão”, através de manuscritos. Por exemplo, a Marquesa de Alorna nunca publicou nada, mas era uma das escritoras mais conhecidas do nosso país. Os seus textos eram escritos à mão: copiavam-se e eram assim distribuídos – foi desta forma que ela ficou conhecida no século XVIII. Ou seja, as pegadas que essas mulheres deixam são a própria escrita. Porque na realidade você pode dizer: o que é feminino? É feminino como? O que é uma mulher hoje, nós sabemos? Intelectualmente as mulheres foram “atadas aos pés da mesa”: não lhes era permitido entrar nas faculdades, não lhes era permitido aprender a ler, não havia escolas para raparigas. Isto aconteceu em Portugal até ao século XVIII. Na realidade, seja genético, ou seja fruto de uma educação, as mulheres têm uma maior atenção ao pormenor, uma maior atenção à língua, porque ensinam às crianças. A passagem da língua é feita pelas mulheres que educam as crianças, e quando as pessoas escrevem têm em mente essa passagem da infância, por isso eu me reporto às mulheres da minha

infância. Portanto, desde o tratamento do tema até ao tratamento da linguagem, a mulher é habituada desde pequena a reparar nos outros, a reparar nas coisas, a não ser amada, mas a amar, a não ser reconhecida, mas a reconhecer – e isso dá uma visão completamente diversa do mundo. Portanto, quando a mulher escreve, faz isso com tudo o que tem dentro de si: o corpo, o contato com a vida e com a morte, a sua visão do mundo, a sua emoção.

Acha que seria privilégio das mulheres, ou existiria uma escrita feminina em textos escritos por homens? Se sim, que autores teriam uma escrita feminina?

Se você disser que há uma escrita masculina muito feminina, ou mais feminilizante, eu estou de acordo consigo. Há uma diferença abissal entre a escrita masculina e a escrita feminina. Os homens mais modernos têm às vezes uma escrita mais feminina. Apesar de gostar da diferença, para poder entender o que os homens pensam, eu não gosto nada quando as mulheres imitam a escrita dos homens. A questão de interiorizar o corpo da mãe é algo que busco. Eu acho que esse jogo do corpo da mãe tinha o Proust e aí a sua escrita acaba por ser uma escrita feminizante, isso é tão complexo no Proust que é fascinante. Uma escrita que é totalmente masculina é o Mário de Carvalho, pois há nele tão grande posicionamento de diferença masculina, mas não estou a dizer que isso é machismo, poderia citar como uma escrita sexista os textos do Henry Miller. A Virginia Woolf tem uma escrita feminina, ela vai à procura do corpo da mãe, ela vai à procura das mulheres nos seus livros. Já a Simone de Beauvoir, tirando a última fase da sua obra, tem uma escrita masculina. Aliás, já na obra **O sangue dos outros**, a Simone é de uma dureza, de uma tal crueldade feminina – eu acho que a mulher é mais cruel do que o homem –, e a Simone de Beauvoir é a crueldade feminina em pessoa. Quando ela escreve aquele livro que fala longamente de Portugal, **Os mandarins**, aí sim ela é extremamente feminizante. Fernando Pessoa, por exemplo, é uma escrita masculina e misógina, eu desse tipo de escrita não gosto e não suporto. Não estou a dizer que ele é um mau poeta, mas eu não gosto do Fernando Pessoa.

*Nuno Catarino Cardoso publica, em 1917, uma antologia intitulada **Poetisas portuguesas** e cita 106 autoras. Porém, atualmente, notamos uma gama maior de obras publicadas em prosa do que poéticas, feitas por mulheres; quais os fatores a que você atribui tal fenômeno?*

Eu já várias vezes pensei porque é que há menos mulheres ligadas à poesia. É uma coisa que me preocupa, na medida em que eu acho que os poetas são os alquimistas do futuro, e aquilo que os alquimistas transformam em ouro, os poetas transformam em sonho. Na minha opinião, enquanto houver poetas no mundo, enquanto houver pessoas que ouvem e leem poesia, há esperança no mundo, e fico muito preocupada de haver cada vez menos mulheres na poesia, quando dantes havia muitas. Eu considero que a mulher tem uma vida tão dura que precisa de ter muito mais os pés no chão do que o próprio homem. E pergunto: será que as mulheres têm tanta disponibilidade dentro de si que se possam dar ao luxo de poder voar? Será? O problema das mulheres hoje em dia é poder conciliar muitas tarefas e uma determinada evolução de igualdade, mas o homem não evoluiu nesse ponto, e quando chega a casa a mulher tem as mesmas tarefas que dantes e, como o homem não evoluiu da mesma forma, o homem quer ficar com os mesmos privilégios. As mulheres e os homens hoje em dia têm mais espaço para escrever ficção, já que a ficção não leva uma pessoa a voar, não é a mesma coisa. Eu, na minha **Leonor**, voei o tempo todo: quem está ali é uma poetisa, um livro de mulher. Nenhum homem escreveria **As luzes de Leonor**, garanto-lhe, nenhum homem faria “partos literários”, como, por exemplo, eu fiz doze partos nesse livro. Eu faço todo o parto da Leonor e vou com ela invocando e chegando até à escrita, ao Orfeu e à Eurídice que eu construo num dos seus doze partos. Isso só pode fazer uma mulher, uma poetisa, porque é preciso ter “asas” para voar, é a única maneira de se chegar às estrelas, é através dos poetas, essa é a minha opinião. É preciso uma pessoa despregar-se de si própria. E porque é que há menos mulheres poetisas no mundo ocidental? Às vezes pergunto-me isso e não encontro as respostas. Há cada vez mais mulheres fazendo prosa, e prosa de muita qualidade.